

Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

Maria Carolina Cosenza Araújo

Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Philadelpho Gouvêa Netto

São José do Rio Preto

2019

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: História oral Temática

Entrevistadora: Jurema Rodrigues

Instituição: Escola Técnica Estadual Philadelpho Gouvêa Netto (098)

Entrevistada: Maria Carolina Cosenza Araújo

Pesquisadora: Jurema Rodrigues

Elaboração do roteiro da pesquisa: Jurema Rodrigues

Local da entrevista: Auditório do prédio da Escola Técnica Estadual
Philadelpho Gouvêa Netto

Data: 11 de abril de 2019

Horário: Às treze horas

Técnico de filmagem: Felipe Pereira de Aguiar, aluno da primeira série do ETIM
Mecatrônica de 2019, e Victória Cassiano Machado, aluna da segunda série do
ETIM Informática de 2019

Técnico de gravação: Valter Canhizares Filho

Duração: 31 minutos e um segundo

Número de vídeos da filmagem: 1 (um)

Transcritora: Jurema Rodrigues

Número de páginas: 16 páginas

Sinopse da entrevista

Entrevista com a professora Maria Carolina Cosenza Araújo, diretora efetiva, assumiu em 26/07/85. Assuntos de destaques da Entrevista sobre Gestão Escolar: Em 01/02/94, com a mudança de vínculo para o CEETEPS, foi nomeada Diretora. Reconduzida por três vezes ao cargo através de eleição realizada na Escola. Com votos dos professores, funcionários e alunos. Cursos implantados: Habilitação Qualificação I em Computação, hoje Técnico em Informática (1984). Habilitação Profissional Plena de Técnico em Laboratório de Prótese Dentária (1987). Habilitação Profissional Plena de Técnico em Enfermagem (1990). Maria Carolina Cosenza Araújo deixou o cargo de Diretor em 27 de abril de 2000.

Roteiro da Entrevista

Breve comentário sobre a vida profissional: formação acadêmica e profissão. Relato sobre a admissão na função de Diretora Efetiva em 26/07/85. Comentário do cenário da Escola Técnica Estadual de Segundo Grau "Philadelpho Gouvêa Netto" quando assumiu o cargo. Decreto 23.544 de 10/06/85, passou a denominar-se Escola Técnica Estadual de Segundo Grau "Philadelpho Gouvêa Netto". Implantação de novos cursos: Com a Resolução SE nº 220 de 01/09/87, foi criada a Habilitação Profissional Plena de Técnico em Laboratório de Prótese Dentária. Resolução SE nº 36 de 06/02/90, foi criada a Habilitação Profissional Plena de Técnico em Enfermagem. Com o Decreto 34.032/91 de 22/10/91, a ETESG Philadelpho Gouvêa Netto foi transferida para Secretaria de Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento Econômico com todos seus bens móveis e imóveis. Com o Decreto 37.735/93 de 27/10/93, com vigência a partir de 01/01/94, foi transferida para o Centro Estadual de Educação Paula Souza - CEETEPS, passando a denominar-se Escola Técnica Estadual Philadelpho Gouvêa Netto. Comentário sobre os objetivos gerais da gestão da direção da Escola Técnica Estadual Philadelpho Gouvêa Netto no período de 1985 ao final de 1993. Perfil da comunidade escolar e os resultados alcançados no período citado. Relato sobre a comunidade escolar: professores, funcionários, alunos, entre outros, com a mudança de vínculo da Unidade Escolar para a Autarquia Centro Paula Souza. A partir de 01/02/94 com a mudança para o CEETEPS Maria Carolina Cosenza Araújo foi nomeada ao cargo e função de Diretor e reconduzida por três vezes através de eleição realizada na Escola, com votos dos professores, funcionários e alunos. Comentário sobre os resultados alcançados nesse período de vínculo da Unidade Escolar para a Autarquia Centro Paula Souza

até o término da função de Diretor de Escola em 2000. Designação de Iraci Duarte para responder pela direção no período de 27 de abril a 28 de junho de 2000.



Professoras Maria Carolina Cosenza Araújo e Jurema Rodrigues

Transcrição da entrevista:

Data da transcrição da entrevista: 12 de maio de 2019

Data da transcrição da entrevista: 16 de agosto de 2019

Nome do transcritora: Jurema Rodrigues

Tom Vital

Tenho muito orgulho de ter sido diretora dessa escola e quero, também, agradecer ao corpo docente e administrativo que nunca negaram trabalhar fora do horário, trabalhar lado a lado com a direção da escola. Os professores, os funcionários todos foram meus cúmplices nesse trabalho na escola. E dá para perceber que administrar uma escola como o Philadelpho, uma escola complexa, com cursos diferentes (...) com um diretor só não é fácil.

(Araújo)

Transcrição da entrevista

JR: Trabalho de história oral do Centro de Memória da Etec Philadelpho Gouvêa Netto. Eu, curadora do Centro de Memória da Etec Philadelpho Gouvêa Netto,

Jurema Rodrigues, realizo com satisfação a entrevista com a professora Maria Carolina Cosenza Araújo. Professora Maria Carolina Cosenza Araújo foi diretora da instituição de 26 de julho de 1985 a 27 de abril de 2000. Boa tarde, professora.

MCCA: Boa tarde. É um prazer estar aqui participando desse seu trabalho de história oral.

JR: Gostaria que você fizesse um breve relato sobre a sua formação acadêmica e a vida profissional.

MCCA: A minha primeira formação foi na Faculdade de Filosofia, curso de Pedagogia. Eu me formei em 1969 pela antiga FAFI de Rio Preto, hoje Unesp/Ibilce. Depois, na sequência, eu fiz um curso de Licenciatura Plena em História na Faculdade de Catanduva. E, na sequência, fiz um curso de Psicologia na UNORP, de São José do Rio Preto. Terminando a minha formação acadêmica, fiz, na Unicamp, o mestrado em Psicologia, Educação e Desenvolvimento Humano. Fui professora também de 1969, quando eu ainda estava na faculdade, até 1985, quando eu já havia passado no concurso de Diretor de Escola, e assumi a direção de uma escola na Delegacia de José Bonifácio. De lá, em 1985, vim para o Philadelpho e fiquei até o ano 2000. Quando eu terminei a minha gestão aqui no Philadelpho, fui professora universitária na Faculdade de Mirassol, na FAIMI. Eu lecionei de 2000 até 2008, lecionei Psicologia no curso de Pedagogia.

JR: Gostaria que relatasse sobre a sua admissão na função de diretora efetiva em 26 de julho de 1985, aqui, na escola, quando a denominação era Escola Técnica Estadual de Segundo Grau Philadelpho Gouvêa Netto.

MCCA: Primeiramente, quero dizer que vim para o Philadelpho por uma permuta. O diretor que estava na Escola queria trabalhar em outros departamentos e nós trocamos: eu fiquei como diretora do Philadelpho e ele foi para a escola que eu havia escolhido.

JR: Foi o professor Armando Francisco Poles.

MCCA: Isso. Então, permutei o meu cargo de diretora de escola com o professor Armando. E, assim que eu cheguei aqui no Philadelpho, em 85, as pessoas me

olhavam com certo preconceito, porque eles falavam: “Nossa, é ainda uma jovem e formada em Pedagogia, como é que ela vai dar conta de uma escola como essa?” Uma escola técnica, profissionalizante, com cursos bem diferentes daquilo que eu tinha formação. Foi um desafio grande, talvez o maior desafio da minha vida. E assumi a Escola em julho e imediatamente fui para São Paulo, para a Secretaria da Educação, participar da criação da DISAETE, a Divisão de Supervisão e Apoio às Escolas Técnicas. Então, a DISAETE era um grupo, dentro da Secretaria da Educação, que tinha o objetivo de recuperar as escolas técnicas profissionalizantes. Em 1985, a escola Philadelpho funcionava nos três períodos com quatro cursos profissionalizantes e uma qualificação em computação. O período da tarde da escola era bem ocioso e só funcionavam três classes da qualificação em computação. Os períodos da manhã e da noite eram muito procurados. As primeiras séries dos cursos aqui, do Philadelpho, em 85, eram habilitações básicas. Então, o aluno entrava aqui, no Philadelpho, fazia a primeira série. Ao final da primeira série, ele fazia uma opção. Ele procurava um curso, dentre os que nós tínhamos aqui, de interesse dele. Se nenhum deles interessava, ele ia fazer a segunda série em outra escola. Mas a maior parte dos alunos que vinham para cá já estava no mercado de trabalho e eles já tinham interesse em determinada habilitação profissional plena. Então, as coisas, as grades curriculares, tudo, foi mudando. Mas, inicialmente, os alunos faziam a primeira série básica, onde eles tinham só disciplinas da parte geral, comum. Para a segunda série, eles já iam com uma certa direção; um escolheu Eletrotécnica, outro Edificações, Telecomunicações e, da segunda série em diante, a parte de formação geral ia diminuindo. Quando chegava no quarto ano, na grade curricular, eles só tinham Língua Portuguesa, as outras disciplinas eram todas da parte diversificada, destinadas àquela habilitação. Mas uma coisa, que é bem interessante, acontecia: quando um aluno da terceira série resolvia que não queria nenhuma dessas habilitações, que não era nada disso que queria, ele, terminando a terceira série do segundo grau, recebia um certificado de conclusão de segundo grau. Se ele fizesse a quarta série, ele recebia um certificado profissional técnico naquela habilitação que tinha escolhido.

JR: De 1987 a 1990, foram criados dois novos cursos importantes para a instituição: o curso de Prótese e de Enfermagem. Pode relatar para nós como foi, se foi difícil, todo o processo?

MCCA: Assim que cheguei aqui no Philadelpho, fui me adaptando, fui conhecendo,

fui vendo o que o mercado precisava e fiz um processo solicitando a instalação da Habilitação Profissional Plena de Prótese Dentária. Nesse momento, a Secretaria da Educação, através da DISAETE, negou a minha solicitação. No ano seguinte, a própria DISAETE me ofereceu se eu queria realmente instalar o curso de Prótese Dentária. Eu disse que sim, então eles me orientaram que eu fizesse o processo e que eles iriam autorizar, só que não se comprometeriam com a parte financeira; eu deveria, junto com a Escola, resolver esse problema de verbas para o curso. Eu falei: “Tudo bem”.

JR: E teria que ter um laboratório apropriado.

MCCA: Com um laboratório apropriado. Aí, o que nós fizemos: eu falo “nós fizemos” porque sempre tive, aqui no Philadelpho, o apoio de todos os professores junto à APM. Nós levantamos dinheiro para construir as mesas, os equipamentos, as bancadas do laboratório. Eu fiz uma parceria com a Prefeitura Municipal e o prefeito nos forneceu vários materiais. Então, em 1987, nós iniciamos o funcionamento do curso de Prótese Dentária. E é interessante, Jurema, que Prótese Dentária só existia no Philadelpho por vinte anos. Fomos os únicos na área, os pioneiros em escola pública. Tanto é que os estrangeiros que vinham para o Brasil e tinham feito, lá no exterior, o curso de Prótese Dentária, todos os processos que chegavam na Secretaria da Educação eram encaminhados para o Philadelpho. Nós, aqui, é que dávamos, para a pessoa estrangeira, o direito de trabalhar na área. Nós fazíamos, então, as revalidações de documentos do curso de Prótese Dentária.

JR: E sobre a implantação de Enfermagem, também foi muito importante.

MCCA: A Enfermagem foi logo na sequência, em 1990. Observando as necessidades do mercado, solicitei a instalação de Enfermagem. Foi o mesmo processo, aconteceu a mesma coisa. A Secretaria da Educação me respondeu que eles iriam homologar o meu pedido, mas eles não teriam condições de me ajudar nas necessidades do curso. Eu falei: “Tudo bem, pode autorizar que eu me viro.” Aí, nós fizemos uma parceria com a Santa Casa, daqui de Rio Preto, Hospital Santa Casa, e, por muitos anos, os nossos alunos eram os únicos estagiários lá, de Enfermagem. Então, eles tinham as aulas teóricas aqui, no Philadelpho, e as aulas práticas e o estágio no Hospital. E, por muito tempo, os nossos alunos estagiários seguraram a parte técnica de Enfermagem na Santa Casa. A maior parte deles já

terminou o curso com carteira assinada, trabalhando nos hospitais, porque o curso de Enfermagem foi o primeiro e único por bastante tempo aqui, na região de Rio Preto. Primeiro, na cidade, profissionalmente, as pessoas trabalhavam, mas sem ter a certificação. Então, muitos dos alunos que vieram para cá para fazer Enfermagem, já trabalhavam como auxiliar de Enfermagem e, depois, vieram em busca do diploma. E o curso também era de quatro anos. Então, quando o aluno já tinha feito o ensino de segundo grau em outra unidade, ele chegava aqui, já entrava e começava na segunda série.

JR: De forma geral, sua gestão foi de 1985 a 1993 em Secretarias diferentes do Centro Paula Souza. Gostaria que você fizesse um comentário, quais são os resultados alcançados, você já citou os dois cursos.

MCCA: E ainda teve um outro curso que nós instalamos, também, mais tarde, que foi o curso de Processamento de Dados, que, depois, virou Informática. Os objetivos gerais, uma busca da melhoria da qualidade do ensino sempre foi, e uma melhoria das condições de trabalho dos professores e dos funcionários. E o objetivo específico era a formação de um cidadão técnico, comprometido com a profissão e que, através dessa profissão, dessa habilitação, ele seria capaz de se sustentar e de transformar a sociedade como um todo. Os resultados alcançados nesse período foram gratificantes. A maior parte dos alunos, quando terminava qualquer uma das habilitações, já ia direto para o mercado de trabalho, quando já não estava antes. E a maioria dos alunos dessa época tinha entre 15 a 40 anos, então era bem diversificada a idade deles. Aqueles mais velhos eram pessoas que já trabalhavam na Companhia Paulista de Força e Luz, na TELESP, já eram profissionais, mas não certificados. Então, eles vinham para o Philadelpho em busca de uma formação mais específica para que eles pudessem atuar melhor no mercado de trabalho.

JR: Os professores não eram do Centro Paula Souza, mas eram da Secretaria da Educação e, depois, mudou para a Secretaria do Desenvolvimento. Agora, gostaria que você falasse para nós como foi a mudança em 1994 com o vínculo do Centro Paula Souza. Como a comunidade viu essa mudança, quais foram as mudanças que ocorreram, que você percebeu?

MCCA: Antes de ir para o Centro Paula Souza, nós tivemos uma mudança: em 1991, houve a mudança da Secretaria da Educação para Secretaria de Ciência,

Tecnologia e Desenvolvimento Econômico. Então, a Secretaria de Ciência e Tecnologia acampou todas as Escolas Técnicas, Estaduais do Estado de São Paulo com os móveis, com espaço físico, com tudo. As escolas foram transferidas com tudo, só que a parte humana da escola, os recursos humanos continuaram da Secretaria da Educação. E, assim, os professores, que eram da Secretaria da Educação, passaram a trabalhar na Secretaria de Ciência e Tecnologia. Então, eles eram de uma secretaria, prestando serviços para outra, sem prejuízo nenhum, nem de tempo de serviço, nem de vencimentos. Eles trabalhavam “emprestados” de uma secretaria para outra. E assim aconteceu com a direção também e os funcionários. Mas, em 1993, com a vigência a partir de 1994, as escolas profissionais técnicas e as escolas agrícolas, as técnicas industriais, como eram chamadas, e as agrícolas, foram, todas, da Secretaria de Ciência e Tecnologia para o Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza. Como nós recebemos isso? Da melhor maneira possível. A gente tinha uma expectativa muito grande de que, saindo da Secretaria da Educação, porque a Secretaria da Educação, muito grande, envolve muitas escolas e a gente era um grupo pequeno de escolas dentro do Centro Paula Souza. Então, nós recebemos muito abertos, ficamos esperando grandes melhorias e acabamos tendo muitas transformações. E o que aconteceu com relação aos professores efetivos, os funcionários e a direção? Como nós éramos efetivos da Secretaria da Educação, tínhamos esse cargo que conseguimos através de um concurso público. Então, esse pessoal, eu, efetiva, os professores, efetivos, e os funcionários, fomos transferidos para outras escolas da Rede Estadual da Secretaria da Educação. Cada professor procurou, na Delegacia de Ensino, onde é que tinha vaga e se transferiu. O meu cargo de diretora foi para uma outra escola que estava vaga, aqui em São José do Rio Preto. Mas eu nunca cheguei a trabalhar naquela escola. Me aposentei por lá, em 1998, mas eu nunca fui à escola. Eu sempre fiquei na direção do Philadelpho. Inicialmente, como diretora efetiva e, depois, com o Centro Paula Souza, porque o Centro Paula Souza tinha uma outra filosofia. E, no Centro Paula Souza, os diretores eram escolhidos pela comunidade, pelos professores, alunos e funcionários, era uma eleição democrática e como eu já disse, todos os funcionários, professores e os alunos participavam da votação e era feita uma lista tríplice com os três candidatos mais votados e, então, era feita a nomeação.

JR: Com a mudança de vínculo para o Centro Paula Souza, os professores tiveram que participar de um Concurso Público do Estado de São Paulo. E como foi?

MCCA: Então, como vocês perceberam, a partir da passagem das escolas técnicas para o Centro Paula Souza, a Escola tomou novos rumos. Mudanças na grade curricular, e há aí mudança também no corpo docente da escola, porque os professores, mesmo aqueles que já eram contratados aqui na escola, tiveram que passar por uma prova. É uma prova escrita, e essa prova foi não somente para os professores que já estavam na escola, mas também foi aberto a outros professores que trabalhavam em outros setores ou que tinham preparação para aquilo. Foi uma prova realizada, o pessoal de Rio Preto foi fazer a prova em Campinas. E, com essa nova medida, vários professores de origens diferentes vieram trabalhar no Philadelpho, inclusive você, não é?

JR: É, inclusive eu.

MCCA: E muitos professores da parte diversificada que já estavam na escola há muito tempo continuaram. E os professores efetivos, como eu já disse, foram para outras escolas da Secretaria da Educação. Então, começou uma nova vida na escola. Com professores novos, funcionários novos e a direção permaneceu a velha, porque foi feita a eleição e eu era candidata, e o pessoal já estava acostumado a trabalhar comigo, já conheciam o meu trabalho e fui indicada para continuar dirigindo a escola. Tem uma coisa muito importante que aconteceu nesse período: em 1998, a escola Philadelpho, juntamente com mais quatro escolas escolhidas entre tantas no Estado de São Paulo, nós fomos agraciados com a participação em um projeto de expansão do ensino técnico profissionalizante, o PROEP. Então, em 1998, nós assinamos, no Palácio dos Bandeirantes, juntamente com os representantes das outras quatro escolas, um convênio. Nesse convênio, o PROEP, como eu já disse, a gente receberia recursos do Banco Interamericano para transformarmos a Escola. Essa primeira transformação foi física. A Escola foi inteiramente reformada e as mudanças foram acontecendo depois.

JR: E também os cursos, vários cursos da escola, receberam materiais para os laboratórios. Foi um investimento bom.

MCCA: É, com a assinatura desse projeto, Projeto De Expansão do Ensino Profissionalizante. E uma coisa, também, que aconteceu nessa época, foi em 1996: a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Então, ela já previa novos rumos para o ensino profissionalizante. E, depois, em 97, teve o Decreto de Reforma do

Ensino Técnico. E tenho orgulho de falar que participei dessa reforma, participei de todas as fases de estudo para que essa reforma fosse feita.

JR: Bom, como ocorreu a designação da Iraci Duarte para responder pela direção no período de 27 de abril a 28 de junho de 2000?

MCCA: Essa é uma situação muito desagradável; não pela Iraci, mas pelo que aconteceu. A escola teria que escolher, porque já tinha terminado o mandato, aí, foi feita uma nova eleição para diretor de escola. Eu, como já estava na escola, já era bem conhecida...

JR: É bom falar que você foi reeleita, não é?

MCCA: Reeleita, duas vezes. Essa foi a terceira vez que eu seria reeleita. Aliás, fui a mais votada entre todos os candidatos, fui a mais votada, eu, sozinha, fiz mais votos do que os outros três juntos. Então, o meu nome encabeçou a lista tríplice que foi para a Superintendência do Centro Paula Souza. Acontece que, por motivos políticos, alheios à nossa vontade, um deputado estadual da região interferiu e pediu para que o Superintendente do Centro Paula Souza não fizesse a minha nomeação. Por motivos simplesmente políticos. Então, como a escola ficou acéfala, eles não me nomearam, mas também não nomearam ninguém. Então, eles designaram a Iraci, que era diretora acadêmica, para responder enquanto eles não nomeassem outro diretor. Então, a Iraci ficou em um período de abril, 21 de abril de 2000, até junho de 2000, quando a superintendência do Centro Paula Souza nomeou um outro diretor, o professor Alberto...

JR: Alberto Bastos Moutinho.

MCCA: Isso, e a nomeação do professor Alberto foi simplesmente política.

JR: Gostaria agora de pedir para que você deixe uma mensagem para a comunidade escolar.

MCCA:

Primeiramente, quero parabenizá-la e parabenizar os alunos por esse Projeto de História. Como fiz parte da história do Philadelpho, então, por isso é que nós

estamos participando dessa entrevista. E a história é muito interessante porque vai se construindo. O que o Philadelpho é hoje, as bases foram lá atrás, mesmo antes de mim. Então, fiz parte dessa história e acredito que tenha feito uma transformação boa na escola. Nesse período todo, as transformações sempre foram para melhor. Quero deixar registrado para os meus alunos que tenho muito orgulho de ter sido diretora dessa escola e quero, também, agradecer ao corpo docente e administrativo que nunca negaram trabalhar fora do horário, trabalhar lado a lado com a direção da escola. Os professores, os funcionários todos foram meus cúmplices nesse trabalho na escola. E dá para perceber que administrar uma escola como o Philadelpho, uma escola complexa, com cursos diferentes (Telecomunicações, Eletrotécnica, Enfermagem, Prótese) – com um diretor só não é fácil. Então, logicamente que precisei muito do apoio dos professores, funcionários e até dos alunos. E tenho certeza que deixei, para o meu sucessor, uma escola muito desejada pelos alunos de fora, pela comunidade, uma escola bem vista, com transparência, com competência e promissora. De sucesso.

JR: Agora, gostaria que você deixasse um pensamento para fechar a entrevista.

MCCA: Eu fiquei pensando como seria esse pensamento e voltei lá nos tempos de 1986, 87 e procurei em um jornalzinho - o Moinho, que era um Jornal maravilhoso da Escola - alguma coisa que me fizesse realmente lembrar e passar para vocês o que penso a respeito do trabalho de uma escola, de um grupo de professores e funcionários. Então, é assim: “O caminho seguro para o sucesso é fazer com que as pessoas envolvidas nesse processo o façam com prazer.”

JR: E você escolheu essa mensagem...?

MCCA: Essa é para deixar para vocês.

JR: Obrigada. Eu agradeço por fazer essa entrevista, sinto muita alegria porque participei da sua gestão, sou muito grata a tudo. Obrigada.

Descritores

Gestão Escolar

Escola Técnica Estadual de Segundo Grau "Philadelpho Gouvêa Netto"

Participação democrática na escolha de Diretor

Eleição para a função de confiança de Diretor de Escola

Lista tríplice de candidatos a Diretor de Escola

Superintendentente do CEETEPS

Reeleição Diretor de Escola

Jurema Rodrigues

Maria Carolina Cosenza Araújo

Centro de Memória

História oral na educação

Memória do trabalho docente

Dados Biográficos da Entrevistada



Maria Carolina Cosenza Araújo nasceu em 23 de fevereiro de 1948, em Nova Itapirema/SP, filha de Liberato Cosenza e Izaltina Pereira Cosenza, casada com Fernando Araújo, e tem dois filhos, Paula Cosenza Araújo e Fernando Cosenza Araújo. Fez Licenciatura Plena em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de São José do Rio Preto, atual IBILCE – UNESP, São José do Rio Preto, São Paulo, período de 1966 a 1969. Licenciatura Plena em História Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Catanduva, Catanduva, São Paulo, em 1980. Graduação em Psicologia pela UNORP – Centro Universitário do Norte Paulista, em São José do Rio Preto, São Paulo, período de 1997-2001. Pós Graduação, Latu-Sensu em “Didática do Ensino Superior”, Faculdade de Filosofia Ciências e Letras,

São José do Rio Preto, São Paulo, em 1996. Mestrado em Educação, na área de Psicologia, Educação e Desenvolvimento Humano. UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, em 2002. Situação funcional profissional - Atividades docentes: Professora de Psicologia (Ensino Médio), Estudos Sociais (Ensino Fundamental), da E.E. "Conselheiro Rodrigues Alves" – Macaúbal, São Paulo, período de 10-3-1969 a 9-5-1969. Professora de Administração Escolar no Curso de Aperfeiçoamento para Administrador Escolar, I.E.E. "Francisco Marques Pinto", Nova Granada, São Paulo, período de 16-4-1969 a 31-7-1970. Professora de Psicologia (Ensino Médio), Orientadora de E.M.C. (Ensino Fundamental Médio), da E.E.P.S.G. "Victor Brito Bastos", São José do Rio Preto, São Paulo, período de 10-3-1970 a 13-3-1985. Professora de Psicologia e Orientação Educacional do Programa Especial de Formação Pedagógica de Docentes para as disciplinas do Currículo do Ensino Fundamental, do Ensino Médio e da Educação Profissional em Nível Médio, da FATEC – Taquaritinga, São Paulo, em 1998. Professora de Psicologia e Ensino e Psicologia da Educação da FAIMI-Faculdade Integrada de Mirassol, Mirassol, São Paulo, período de 2000 a 2008. Atividades técnico-pedagógica-administrativas: Diretora efetiva de Escola vinculada à Secretaria da Educação do Estado de São Paulo denominada E.E.P.G. - Escola Estadual de Primeiro Grau "Antônio Teixeira dos Santos", Zacarias, São Paulo, no período de 14-3-1985 a 25-7-1985. Admitida em 26-7-1985, para função de cargo efetivo de Diretor de Escola da E.E.S.G. - Escola Técnica Estadual de Segundo Grau "Philadelpho Gouvêa Netto", por remoção de permuta pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. Com a mudança de jurisdição da Unidade Escolar para o Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (CEETEPS), foi admitida para a função de Diretor da ETE - Escola Técnica Estadual Philadelpho Gouvêa Netto em 10-1-1994, de acordo com o Processo Contratual do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza número 146/94, publicado no D.O.E. em 10-1-1994. Em 17-11-1995, participou da escolha de Diretor de Escola por eleição, uma vitória da democracia, exercício de cidadania, com isso, foi eleita e designada pelo Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (CEETEPS) para a função de Diretor de Escola para o mandato de dois anos. Em 24-4-1998, por nova eleição para o cargo de Diretor de Escola, foi designada pelo Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (CEETEPS) para a função do cargo de Diretor de Escola para o mandato de dois anos, encerrado em 26-4-2000. Pasta do acervo da Instituição número 186.

Dados Biográficos da Entrevistadora



Jurema Rodrigues é licenciada em Letras – FARFI/SJRP - (1984). Licenciada em Pedagogia – Associação Cultural de Barretos (1990). Aperfeiçoamento em Língua Portuguesa pela USP/CENP (1991). Treinamento em Língua Portuguesa – UNESP (1993). Aperfeiçoamento em Língua Portuguesa – UNESP/IBILCE (2005 a 2007). Especialização em Educação Básica - ISEB (2010) e Especialização em Educação Especial Inclusiva - ISEB (2011). Especialização em Língua Portuguesa – UNICAMP (2011). Professora do Estado de São Paulo (1986 a 2011). Coordenadora Geral do CEFAM (1996 a 1997). Professora da Etec Philadelpho Gouvêa Netto (1996 a 2018). Participa do GEPEMHEP do Centro Paula Souza desde 2012. Curadora do Centro de Memória da Etec Philadelpho Gouvêa Netto (2013 a 2018) e autora da historiografia publicada no link Centro de Memória, do site www.philadelpho.com.br. Artigos apresentados no Centro Paula Souza: Metalografia - Base Conceitual de Colpaert como Referência Teórica e Prática no Curso de Mecânica (2013), Coleção de Arnaldo Cecconi – Práticas Pedagógicas da Cultura Escolar do Curso De Mecânica da Etec Philadelpho Gouvêa Netto (2014), Arquitetura escolar e práticas escolares e pedagógicas da Escola Técnica Estadual Philadelpho Gouvêa Netto (2016), Abordagem curricular nas narrativas de história oral como contribuição para o registro histórico das práticas e dos artefatos do Curso Técnico em Edificações (2017), Fotografias e Publicações Jornalísticas da Década de 70: Referência Histórica no Acervo do Centro De Memória Da Etec Philadelpho Gouvêa Netto (2018). Publicações de Livros: Apropriação de espaços da Etec Philadelpho Gouvêa Netto, Ed. Clube dos Autores (2016); Laboratório de Mecânica e Mecatrônica, Ed. Clube dos Autores (2016). Capítulo intitulado História oral com o professor Clóvis

Sanfelice, do livro digital História Oral na Educação: memórias e identidades – SP: Centro Paula Souza (2014). Capítulos publicados nos livros do Centro Paula Souza: Metalografia - Base conceitual de Colpaert como referência teórica e prática nos cursos de mecânica e mecatrônica (2015). Coleção de Arnaldo Cecconi: práticas pedagógicas da cultura escolar do curso de mecânica da Etec Philadelpho Gouvêa Netto (2017). Arquitetura escolar e práticas escolares e pedagógicas da Etec Philadelpho Gouvêa Netto (2018).

Anexos: (Documentos sigilosos e não abertos online ao público):

Termo de Cessão dos Direitos Autorais

Termo de Autorização para uso de Imagem